

Perspectivas do aluno negro da escola pública sobre o mundo do trabalho na cidade de Macapá/AP

Black public school student's perspectives on the world of work in the city of Macapá/AP

João Paulo da Conceição Alves¹
Eugênia da Luz Silva Foster²

RESUMO: Este trabalho analisa sumariamente que perspectivas os alunos negros possuem sobre o mundo do trabalho. A pesquisa foi realizada numa escola pública em Macapá/Ap, por meio de estudo qualitativo, com entrevistas semiestruturadas e observação in loco, com a participação de 10 (dez) alunos do ensino médio. Os alunos apresentaram perspectivas fragilizadas sobre sua inserção no mundo do trabalho, na medida em que uma série de atropelos sociais revelaram como perspectiva central uma inserção precoce no mercado de trabalho e a secundarização da opção pelo ensino superior.

ABSTRACT: This work briefly examines which prospects black students have about the world of work. The survey was conducted in a public school in Macapá / AP, through a qualitative study with semi-structured interviews, observation in loco, and with the participation of 10 (ten) high school students. The students presented fragile perspectives on their integration into the world of work, so that a series of social abuses reveal as central perspective an early participation in the labor market, and a secondary option for higher education.

PALAVRAS-CHAVE: Raça. Trabalho. Educação.

KEYWORDS: Race. Labor. Education.

I. INTRODUÇÃO

Apresentamos sumariamente alguns condicionantes da pesquisa de campo como forma de evidenciar o caminho percorrido bem como a importância da pesquisa na construção deste trabalho. Seguindo esta via, a pesquisa qualitativa torna-se necessária pela necessidade de um contato direto com o ambiente e a situação

1 Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: jpauloche@bol.com.br

2 Doutora em Educação, professora Adjunta na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: eugeniafoster@uol.com.br

investigada (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Reveste-se de importância ainda pelo fato de a referida pesquisa se constituir dentro do materialismo histórico-dialético como opção paradigmática, portanto, compreendendo o movimento dialético e a contradição como categorias imprescindíveis no debate proposto.

A pesquisa se configura como um estudo de caso que se justifica pelo fato de necessitarmos de um contato com uma determinada realidade do cotidiano escolar. A pesquisa de campo foi realizada durante três meses com visitas semanais à escola.

Utilizamos-nos de um estudo exploratório, com um conseqüente aprofundamento, no intento de investigar realidades e perspectivas educacionais locais, levando em conta as transformações na sociedade brasileira na questão étnico-racial.

(...) Na perspectiva de apreender os aspectos ricos e imprevistos que envolvem uma determinada situação, a fase exploratória se coloca como fundamental para uma definição mais precisa do objeto de estudo. É o momento de especificar as questões ou pontos críticos, de estabelecer os contatos iniciais para entrada em campo, de localizar os informantes e as fontes de dados necessárias ao estudo. (LUDKE e ANDRÉ, 1986; p.22)

O objeto de estudo desta pesquisa evidencia-se pelo tripé relações raciais, educação e trabalho, desenvolvendo uma discussão com o intuito de demonstrar, a partir da análise das perspectivas dos alunos negros de uma escola pública de Macapá/AP, suas aspirações em relação ao mundo do trabalho.

Diante do exposto, participaram como sujeitos da pesquisa 10 alunos do ensino médio, definidos a partir do enquadramento de suas autodeclarações raciais nos conceitos de negritude e suas variações, entendendo que os conceitos relacionados à negritude se acham bastante difusos no imaginário desses sujeitos.

Este critério utilizado toma como fundamento as conceituações de Munanga (1996) e Silva (1996), que destacam que a admissão a padrões impostos por uma teoria do embranquecimento, numa perspectiva da mestiçagem, ocasiona a busca por uma “melhoria racial” com base na brancura, portanto, dentro de uma perspectiva marcada pela corrupção de identidades.

Ainda sobre os sujeitos da pesquisa, definiu-se pela participação de docentes, no sentido de complementação dos relatos dos discentes, com a realização de entrevistas semiestruturadas com três professores.

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola do ensino médio regular, por entendermos que este nível de ensino configura um momento propício da educação básica, constituindo, em tese, via mais próxima de acesso do aluno ao ensino superior. A escolha por esse nível de ensino se justifica ainda por tais estudantes nessa faixa etária apresentarem uma visão mais bem definida sobre suas perspectivas para o mundo do trabalho.

Como instrumento para a realização da pesquisa, optamos pela exe-

ção de entrevistas semiestruturadas e observação direta de 10 alunos (das 1ª, 2ª e 3ª séries do ensino médio) no cotidiano escolar, pois ao mesmo tempo que possibilita uma organização linear da abordagem, permite a flexibilização tanto nas indagações como numa maior liberdade ao entrevistado. A entrevista semiestruturada é diferente da entrevista padronizada, que é configurada como instrumento de problematização limitado, ocasionando respostas fechadas ou limitadas dentro de limites determinados.

Desta feita, o trabalho está organizado com as seguintes categorias de análise: Identidade racial dos alunos negros; Percepção do racismo na sociedade brasileira; Percepção das desigualdades sociorraciais; e Percepção do aluno negro sobre as contribuições da escola. A partir disso, apresentamos as análises construídas por meio da investigação empírica e sua devida organização dentro do trabalho.

2. IDENTIDADE RACIAL DOS ALUNOS NEGROS

A questão da autodefinição racial apresenta-se como aspecto preliminar, fortemente carregado de sentidos que apontam para a naturalização do racismo no cenário social. Tornam-se constantes nesse processo mecanismos de camuflagem, verificados a partir de conceitos inconclusos, desconfortos e/ou desconcertos. Essas situações se caracterizavam, por exemplo, por longas pausas, ou falas com hesitação, no momento de responder às indagações, ou ainda na observação cotidiana dos alunos na escola.

Na discussão sobre a autodefinição racial desses alunos, verificamos que há uma tendência à suavização do racismo no sentido de ser uma forma velada e/ou mascarada no meio social. Tais situações foram verificadas nos discursos da quase totalidade dos entrevistados, com exceção de dois deles.

A Tabela I revela uma visão geral da autodeclaração dos alunos entrevistados:

Tabela I: Autodeclaração racial dos alunos entrevistados

	HOMENS	MULHERES	TOTAL
Mestiço		1	01
Negros	3	1	04
Claro		1	01
Moreno	1		01
Amarelo		1	01
Pardo	1		01
Moreno Claro		1	01

Fonte: Alunos Participantes da pesquisa (11/2008).

Nesse caso, uma aluna autoidentifica-se racialmente da seguinte forma:

Sou negra, (...) parda (para dúvida na autodefinição racial da aluna, com um certo silêncio e embaraço), pois sou mais clara que negra, mais pelas características indígenas dos meus avós, e de meu pai, por ser descendente de português. (ENTREVISTADO 03)

Desta forma, destacamos que as circunstâncias de autodeclaração racial nem sempre favorecem um ambiente de tranquilidade e harmonia, porque se inserem, antes de tudo, na perspectiva de ruptura ou reprodução de estereótipos. De acordo com a aluna entrevistada anteriormente, há de uma forma geral uma tendência à reprodução de constructos referentes a um paradigma da mestiçagem na análise da questão racial que, em suma, apresenta uma indefinição na caracterização racial dos indivíduos.

Outro aluno vem confirmar, num pequeno trecho, toda a perspectiva da mestiçagem exposta anteriormente, quando afirma sobre sua autodeclaração racial, que “minha cor de pele (risos meio desajeitados), é amarela, pois eu não sou branca, mas também não chego a ser negra, assim.” (ENTREVISTADO 08).

Hasenbalg (1979) destaca que a apologia à mestiçagem se traduz na ambiguidade e na pouca clareza das fronteiras entre os grupos étnicos e raciais. As divisões raciais no Brasil não são categóricas nem dicotômicas como nos Estados Unidos e em outros lugares. É bom lembrar que boa parte da população brasileira se autodenomina “morena”, como foi constatado em diversas pesquisas recentes sobre o racismo cordial do Brasil.

Assim, vê-se que a construção do racismo na sociedade brasileira está na base de toda a formação de um processo de afirmações e negações de identidades no meio social e que, na investigação empírica, há um espaço tipicamente marcado por repreensões, recusas e assunções veladas por estereótipos, reforçando um ideário marcado pela inferiorização racial.

Diante dessa situação da mestiçagem, quando analisada dentro do contexto amazônico, observamos uma realidade diferenciada ao supervalorizar-se a imagem do indígena em detrimento do negro. Criou-se a partir da imagem do índio um referencial simbólico para todo o país. Salles (1971) e Vergolino (1990), entre outros, confirmam a pouca importância dada à presença do negro na Amazônia, em contrapartida, destacando a importância que estes sujeitos tiveram na constituição social e/ou étnico-racial da região amazônica.

Desta feita, o aluno acima admite a existência do racismo em um ambiente sutilmente velado, enfatizando ainda o processo de mestiçagem como perspectiva de salvamento e ao mesmo tempo como eventual correção da problemática racial. Henriques (2001) revela não só a inaceitável intensidade da desigualdade de renda brasileira, mas também sua perversa composição racial, resumindo: nascer negro no Brasil está relacionado a uma maior probabilidade de crescer pobre.

Tais preceitos, solidificados pelo mito da democracia racial, reforçam as conceituações acima a partir de um cenário totalmente velado que, a partir de sutilezas e gesticulações aparentemente inofensivas, impregnam posições e/ou

visões de mundo hegemônicas e racistas, negando identidades sob uma diretriz excludente frente às ditas minorias étnico-raciais.

3. PERCEÇÃO DO RACISMO NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Ao tratarmos das percepções dos alunos sobre as práticas racistas, observamos um ambiente distinto, e por essência contraditório, revelando por um lado situações que expressam sumariamente um certo embaraço e impessoalidade dos alunos na definição de suas percepções, ao mesmo tempo externando uma tentativa de naturalização dessa prática no cotidiano escolar; e os pais dos alunos, por sua vez, percebem a existência do racismo, tanto que depositam nos seus filhos expectativas e até suas aspirações pessoais, expressando o conhecimento do terreno conflituoso que se avizinha a partir da inserção na escola.

Ah eles (os pais), deixam assim na minha livre escolha; minha mãe e meu pai dizem que eles não possuíram as oportunidades de estudar como eu tô tendo. Mas falam que eu preciso estudar, e ter força de vontade pra terminar meus estudos, e ter uma profissão.(ENTREVISTADO 06)

Um dos alunos do 1.º ano do ensino médio entrevistado complementa a situação de percepção do racismo, ao responder sobre a ocorrência de racismo:

Não, comigo não, mas já presenciei com colega meu, várias vezes na sala de aula... assim, às vezes, assim no ato de fazer trabalho a pessoa assim, tipo exclui a outra por não fazer, pertencer ao nível dela,...mas, aí eu procuro fazer que isso sempre não aconteça, tipo se ele não for fazer o trabalho eu também não vou também. Acabou acontecendo sim, isso na sala de aula. (ENTREVISTADO 04)

Outro aluno entrevistado na escola complementa a análise sobre o racismo, mostrando contrariedade com essa prática:

Eu penso que o racismo é uma coisa que não deveria existir, por que é uma coisa feia, olhar pra uma pessoa e dizer que ela é diferente, desigual, né, então acho que essa parada de racismo não deveria existir, pois se não existisse o mundo seria com certeza melhor. (ENTREVISTADO 01)

No entanto, o aluno neste relato indica que a categoria racial negro não é incorporada plenamente ao avaliar o racismo de uma forma generalizada, ou como situação que só acontece com os outros, ou que seja algo no mínimo exterior à sua vida.

Portanto, oito dos dez entrevistados envolvidos na pesquisa apresentam um repúdio explícito às práticas racistas, admitindo sua existência, mas afirmando que nunca perceberam a ocorrência da situação consigo. Menciona-se um racismo que se constrói e se reproduz sobre os outros, o que, de uma forma

direta, acaba negando a própria identidade a partir de um discurso construído sob uma matriz cultural branca.

Ao perguntar aos alunos sobre alguma situação de exclusão por motivação racial que eventualmente tenha ocorrido com eles, percebeu-se que na totalidade das respostas há a omissão, ou mesmo a inadmissão da ocorrência, todavia manifestando já ter presenciado uma situação de preconceito racial envolvendo outra pessoa.

Castro (1998) enfatiza que a categoria raça tem uma presença oblíqua no nosso imaginário social, porque nos imaginamos como não sendo racistas, e como nos construímos como nação ao redor do mito de uma democracia racial, esta tem sido uma categoria constitutiva, ainda que pela negação do nosso discurso identitário.

Pelos relatos, verificamos a manifestação de um racismo que se expressa dentro de um cenário de cordialidades, mas que acaba sendo marcado por um processo de corrupção ou desvirtuação de identidades com a reprodução de elementos discriminatórios, que, em suma, fundamentam as fugas e atropelos dos alunos negros na assunção de sua identidade.

4. PERCEÇÃO DAS DESIGUALDADES SÓCIORACIAIS

Ao analisarmos as percepções do aluno em um quadro excludente, destacamos inicialmente que essas circunstâncias são construídas a partir de uma autodeclaração racial fragilizada, pois, devido ao antagonismo velado por motivação racial, há de se considerar um novo elemento nesta análise, expresso nas desigualdades sociorraciais.

Desta feita, sobre a percepção dos alunos quanto a uma autoanálise das desigualdades sociais e raciais, observamos questões emblemáticas, construídas sob um cenário controverso, em que a questão da mobilidade social é tida como elemento estritamente relacionado aos elementos que fomentam as desigualdades raciais. Tal relação é construída nas perspectivas, aflições e conformações dos alunos negros no que tange à ascensão social acidentada, a um mercado de trabalho estritamente racista.

Um dos alunos, ao tratar da situação financeira dos colegas de turma, admite a existência das diferenças sociais, ainda que essas desigualdades já estejam naturalizadas no arcabouço escolar. Ao ser perguntado sobre diferenças de tratamento motivadas por questões financeiras, o aluno afirma que “entre negros e brancos não, mas apesar de possuir uma renda próxima, sempre há diferença, desigualdade, de um ter mais que o outro, isso nunca deixará de existir, esse tipo de coisa já está na nossa sociedade há muito tempo.” (ENTREVISTADO 06)

Analisando tais constatações na sala de aula a partir de observações das percepções discentes, observamos uma tentativa de naturalização das desigualdades sociais ao postular primeiramente sua “normalidade”, típica da sociedade em que vivemos, e ainda pelos desconfortos que a conversa trazia à tona, com respostas curtas, tentativas de desviar a conversa para outros assuntos etc.

De acordo com Hasenbalg (2005), observamos que os polos branco e negro não se esgotam em uma análise dicotômica, mas apenas fixam os extremos de um contínuo de diferenças mínimas de cor. Já a abertura da estrutura social para a mobilidade social ascendente é inversamente relacionada à negritude da pigmentação da pele.

Neste caso, preliminarmente destacamos que o relato de um dos alunos entrevistados, ao mesmo tempo em que expressa o preconceito exacerbado na escola, revela também a percepção de uma diferenciação no tratamento por motivações raciais.

Teve uma vez aqui uma confusão que tipo não deixaram eu me expressar (...). Eu tava vindo pra escola, eu e algumas garotas, e simplesmente não deixaram eu entrar, só elas (com um sentimento de indignação) aí começaram a falar (a direção da escola) que minha saia era curta, que eu tava de sandália. Daí não me deram mais atenção, viraram as costas e foram embora. Aí começaram falar que eu não podia entrar porque minha saia era curta, porque eu tava de sandália, aí eu comecei falar por que só comigo, aí eu não recorri depois (...). Minha mãe é professora, ela soube o que tinha acontecido e ficou muito chateada com isso. Aí, minha mãe veio aqui noutro dia, minha mãe também é negra, aí minha mãe veio aqui e eles negaram tudo. Só quando minha mãe colocou frente a frente, foi que eles confirmaram que tinha acontecido isso. (ENTREVISTADO 05)

Nestas circunstâncias, observamos situações distintas da maioria das declarações a ponto de, diante de um dos poucos entrevistados que se autodeclararam negros, revelando não apenas traços físicos, mas principalmente uma opção política em se apresentar como tal, ser mostrada, por outro lado, a materialização das desigualdades sociorraciais no cenário social.

Guimarães (2003) destaca que a questão da autodeclaração racial dos negros é regida por questões políticas, vindo assim a ultrapassar as duradouras e degenerativas formas de autoclassificação racial regida por mecanismos de base biológica e que as desigualdades sociorraciais geralmente se expressam num cenário de mobilidade/fragilidade social.

Deste modo, a fragmentação de identidades materializa-se com a série de constrangimentos que os alunos passam na construção e admissão de sua negritude. Tais constatações, evidenciadas pela análise dos relatos, apresentam-se como elementos marcantes, pois a problemática da identidade racial, escorada na teoria do embranquecimento, destaca-se como notável empecilho de inserção e de mobilidade social dos alunos negros.

Quando perguntado a um dos alunos se já havia percebido alguma situação do tipo de o indivíduo negro tentar parecer-se com uma pessoa branca, a resposta foi que, "(...) uma menina pelo fato de ter amigas brancas, ela queria ser igual a elas e a menina era linda, *mas* era negra, e queria ficar igual

às meninas brancas, ela não queria ser negra.” (ENTREVISTADO 10)

Apesar dos cuidados do aluno na ênfase de algum prejuízo em ser negro, observou-se um discurso carregado de preconceitos, presente em algumas sutilezas, evidenciadas por uma análise mais cuidadosa do relato. O fato relatado pelo entrevistado 10, de uma aluna possuir amigas brancas e, ao mesmo tempo, utilizar o termo “mas”, indicando ressalvas à situação, denota explicitamente o ideal de branqueamento dos alunos e o prolongamento da questão como influência na sua mobilidade social.

Munanga (1999) enfatiza que no Brasil, onde a ênfase está na marca ou na cor, combinando a miscigenação e a situação sociocultural dos indivíduos, as possibilidades de formar uma identidade coletiva que aglutina negros e mestiços, ambos discriminados e excluídos, ficam prejudicadas.

Ao indagarmos a um dos alunos sobre a existência das desigualdades e/ou diferenças sociais partindo do viés econômico, foi admitido na entrevista, por um lado, que elas não existem, pois a turma apresenta certa homogeneidade econômica, mas, por outro, percebeu-se, pelas observações ao cotidiano escolar, que esse aluno se apresentava sob um cenário racial economicamente desfavorável nas relações com os colegas por duas questões centrais: ao manifestar características físicas que, dentro dos princípios do racismo de marca brasileiro (SILVA, 1996), identificam-no como negro e, além disso, por visivelmente evidenciar elementos como qualidade de vestimenta ou objetos escolares, que o situavam socialmente em uma classe econômica mais baixa que a dos demais alunos.

Desta feita, apresentaremos a seguir alguns outros elementos do contexto escolar e um cenário marcado por uma perspectiva de reprodução ou transformação de todo um processo social multifacetado. Com isso, entendemos como necessário o desenvolvimento de uma análise sistemática voltada para a contribuição da escola na construção das perspectivas do negro sobre o mundo do trabalho amapaense.

5. PERCEPÇÃO DO ALUNO NEGRO

Ao iniciarmos a análise da influência da escola nas construções das perspectivas dos alunos negros entrevistados sobre o mundo do trabalho, observamos que a instituição escolar se apresenta como expressão de um conjunto de valores que a remetem à institucionalização de uma ordem ideológica. A escola se apresenta sob os marcos de disputa e hegemonia de determinados grupos, dentro de um contexto por essência contraditório.

Hasenbalg (2005) aponta a importância da escola na estruturação das desigualdades raciais que começam a ser geradas na escola. Crianças negras e mestiças recebem menos educação do que crianças brancas, mesmo quando são provenientes da mesma classe ou estrato social. Isso significa que negros e mestiços chegam às portas do mercado de trabalho com uma dotação de educação formal menor que a dos brancos e, uma vez ingressados neste mercado, continuam expostos à discriminação racial. Desse modo, as desigualdades raciais

são o produto cumulativo da discriminação na escola e no mercado de trabalho.

Sobre a contribuição da escola na preparação dos alunos, observamos o relato de um dos entrevistados, definindo a função social da escola:

A escola prepara pra tudo, ensino superior etc... (...), e por que, é por isso, que quem termina o ensino médio não busca o ensino superior, mas busca o mercado de trabalho, porque a escola é fraca (ele não busca o ensino superior, busca o mercado de trabalho...) (ENTREVISTADO 09)

Neste sentido, de acordo com a percepção da maioria dos alunos, a escola é vislumbrada como importante instrumento de inserção social, perpassando por uma dúbia perspectiva que transita ora imediatamente pelo mercado de trabalho e, em casos um tanto isolados, pelo ensino superior, o que preliminarmente vem apresentar o aluno negro dentro de uma encruzilhada, como perspectiva na conclusão do ensino médio.

Ainda sobre a contribuição da escola na construção das perspectivas dos alunos negros em relação ao mundo do trabalho, um dos alunos declara que a prioridade é

nível superior, entrar na vida acadêmica (...) é o que pretendo (...) agora a gente não pode adivinhar o futuro, de repente tem um retrocesso e eu precise trabalhar, mas que eu possa utilizar na minha vida aquilo que a escola me oferece... (ENTREVISTADO 03)

Seguindo esta vertente, a escola acaba estabelecendo um padrão de aluno considerando um recorte racial, em que percalços sociais vividos pelos estudantes negros marcam uma perspectiva fragilizada pelo curso superior, o que os leva conseqüentemente a uma inserção precoce no mercado de trabalho. Assim, para o acesso a curso superior as circunstâncias de estratificação social se prolongam no sentido de os alunos optarem pelos cursos de licenciatura, que, pelo denominado desprestígio social, têm menor concorrência para o ingresso.

Sobre a opção dos estudantes negros por cursos com menor prestígio social, foi realizado um estudo pela Agência Folha (2009), coordenado pela professora Delcele Queiroz do Departamento de Ciências Sociais da UFBA (Universidade Federal da Bahia). A pesquisa envolveu 12.278 alunos matriculados em todos os cursos no primeiro semestre de 2000 na UFBA, na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), na UnB (Universidade de Brasília), na UFMA (Universidade Federal do Maranhão) e na UFPR (Universidade Federal do Paraná). O estudo revelou que os negros frequentam cursos considerados de “baixo prestígio social”.

De acordo com os dados obtidos, apenas 1,9% dos universitários matriculados no curso de Medicina da UFBA são negros. Os brancos que cursam medicina são maioria na universidade baiana, 65,4%. Esse desfavorecimento para jovens negros mostrou-se constante nas cinco instituições federais.

E sobre a questão da opção pelos cursos de licenciatura plena, um dos alunos desenvolve a seguinte análise, destacando imprecisões quanto ao seu futuro profissional, afirmando que a escola:

Pode contribuir me ensinando o que eu preciso, um pouco de como posso ser um cidadão melhor (...) a escola prepara para fazer um vestibular, o que todo mundo quer fazer, prepara para uma vida melhor. (...) quero fazer geografia no ensino superior. (ENTREVISTADO I)

Assim, as consequências de todo esse processo de omissão e anormalidade sobre a imagem do negro na escola tornam-se evidentes e são confirmadas pelos discursos dos professores da escola, quando um dos docentes afirma que “a questão do racismo, não considero, até porque eu desconheço esse tipo de discriminação aqui dentro, até mesmo eu vejo uma união nesse sentido deles (dos alunos). Aqui na escola não temos esse problema”.

Foster (2004), em pesquisa que resultou em sua tese de doutoramento, aponta que dificilmente se encontra um professor que admita ter um comportamento racista; pelo contrário, o racismo está sempre nos outros. Se por um lado os professores parecem ser contrários ao racismo, por outro, utilizam expressões do senso comum que denotam um comportamento racista. Na escola, os docentes atribuem essa responsabilidade aos colegas, o que faz com que o professor tenha um discurso ambíguo no que diz respeito à questão racial na escola.

Embora os alunos assumam praticamente em todos os seus relatos a importância da inserção no ensino superior, observa-se que essas declarações sempre são ladeadas por ressalvas e/ou condicionais traduzidas em pressentimentos de situações eventuais que, em muitos momentos, se tornam previsíveis. Assim, tais dúvidas e contenções são tidas como uma segurança extra dos alunos, na eventualidade de uma das situações (mercado de trabalho ou ensino superior) serem fracassadas.

Apresentaremos a seguir a percepção das possibilidades e circunstâncias de inserção dos alunos negros no mundo do trabalho amapaense para então percebermos que a degeneração da identidade desse aluno no arcabouço escolar, junto às práticas sociorracialmente desiguais, contribui marcadamente para a construção de suas perspectivas em relação ao mundo do trabalho.

6. PERCEPÇÃO DAS POSSIBILIDADES

Ao tratarmos das percepções dos alunos sobre as possibilidades de sua inserção no mundo do trabalho, consideramos preliminarmente relevante a análise de duas categorias importantes: o mercado de trabalho e o ensino superior. As análises dos relatos dos alunos demonstram cumplicidade com tais categorias na medida em que, ao serem perguntados sobre suas perspectivas em relação à escola, foi verificado que as dúvidas dos alunos eram notórias, principalmente ao respon-

derem que a escola prepara para o mercado de trabalho e para o ensino superior.

Uma das alunas afirmou que “(...) acho que a escola prepara para o ensino superior, mas assim o curso de informática que a escola oferece já ajuda pra quem tá pensando entrar no mercado de trabalho”. (ENTREVISTADA VIII)

As dúvidas e contradições quanto ao papel da escola na inserção do aluno no mercado de trabalho se tornaram evidentes pelo seu atrelamento a um discurso que expressava, acima de tudo, a percepção da necessidade de inserção no mercado de trabalho e, ao mesmo tempo, a problemática gerada pela inserção precoce nesse ambiente.

Lima (2006) assinala que os jovens negros reconhecem a importância do trabalho em suas vidas, especialmente como meio de sobrevivência e independência, associando inclusive às questões de ordem racial. A principal forma de trabalho materializa-se em subempregos, tais como estágios, em trabalhos precários, viabilizados como resultado de peregrinações próprias, do contato direto etc. sem conexão direta com a formação oferecida pela escola.

Portanto, diante da análise pautada na relação das percepções do aluno negro sobre o mercado de trabalho e o ensino superior, na metade dos relatos verificou-se que o aluno tem a intenção de cursar o ensino superior apesar de a inserção no mercado de trabalho configurar um meio de sobrevivência desses alunos. Sobre as pretensões dos alunos, confirma-se o prenúncio, ao afirmar que “arrumar trabalho, sim, não penso em faculdade não, porque quando a pessoa arruma trabalho é mais importante. (...) porque arruma uma mulher, uma família” (ENTREVISTADO 07).

Mesmo aqueles que apontaram o ensino superior como prioridade definiram suas perspectivas por cursos com menor status social, como os cursos de licenciatura, na perspectiva de terem chances maiores de aprovação.

Ainda sobre a contribuição da escola para as perspectivas do aluno negro no mundo do trabalho, um dos alunos enfatiza:

Espero que continue numa escola com o objetivo de fazer um processo seletivo, concurso, e buscar... tentar entrar no mercado de trabalho (...) e como em segundo plano o ensino superior. O mercado de trabalho, porque é mais fácil..., mais fácil não, é como se fosse uma prioridade pra tentar... o ensino superior agora vai demorar. (ENTREVISTADA 09)

A partir do relato de uma das entrevistadas, observou-se que ela deixa explícito o desejo de entrar no mercado de trabalho, apresentando o ingresso nele como o papel principal da escola na sua formação. Sobre essa relação que a escola constrói com o mercado de trabalho, podemos revelar ainda que, quanto ao seu envolvimento com o elemento econômico, temos que o processo educacional subordinado ao mercado capitalista não foge à generalização da mercadoria numa sociedade onde tudo tende a se tornar uma troca generalizada (CURY, 2000). Suas diferentes versões institucionais tendem a se mercantilizar, seja no preparo

da mão de obra necessária à divisão social do trabalho, seja no fornecimento de objetos que estimulem a produção.

Deste modo, a abordagem sobre as perspectivas do aluno negro em relação ao mundo do trabalho apresenta a escola básica como momento imprescindível na sua formação, mas que atinge outros determinantes após a conclusão deste nível de ensino. Destarte, motivado entre outros elementos, por um contexto de precarização social nas condições de trabalho do aluno negro e recortado por todo um cenário de desigualdades econômicas, o racismo sobressai como elemento reprodutor de toda esta conjuntura.

Como elemento derradeiro, mas de extrema importância na compreensão das perspectivas dos alunos negros em relação ao mundo do trabalho, destaca-se a questão referente ao “porquê” da maioria de os alunos negros apresentarem como perspectiva uma inserção precoce no mercado de trabalho. Nessas circunstâncias, verificamos que os alunos entrevistados interligam essa inserção prematura com motivações principalmente de ordem econômica. Sendo assim, “a maioria dos alunos negros vai pro mercado de trabalho pelo fato de a maioria deles vir de famílias pobres e se sentirem na obrigação de ir arrumar um emprego pra ajudar a família” (ENTREVISTADO 10).

Henriques (2001) destaca que é de todo modo fundamental reter que a permanência do jovem negro na escola não depende exclusivamente da possibilidade de renda, pois as razões para as menores taxas de escolaridade e as mais baixas remunerações dos negros não são apenas estruturais, próprias do sistema capitalista em geral, porquanto a discriminação racial cumpre aí um papel decisivo em aprofundar tais contradições.

Mesmo diante de avanços consideráveis do movimento negro brasileiro e amapaense, no sentido da institucionalização de políticas e ações afirmativas, caracterizadas principalmente pelas leis 10.639/03 e 11.96/08, as perspectivas de inserção ainda estão regadas de uma precocidade e precariedade de condições de acesso, em detrimento de um processo de formação/qualificação para o trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o quadro apresentado neste estudo, marcado pelo conjunto das desigualdades raciais e suas facetas veladas de instrumentalização, apresentamos algumas reflexões finais como forma de aproximações conclusivas, no contexto social brasileiro e amapaense.

As desigualdades econômicas no contexto educacional contribuem para uma precarização das condições sociais da população negra. A escola funciona como importante elemento de reprodução desse cenário na medida em que oculta a presença do racismo e/ou da discriminação racial; o discurso dos docentes revela esta condição de ocultação e de subalternidade dos alunos negros, colocando a questão socioeconômica como elemento de aprofundamento do racismo.

Outra evidência da investigação empírica se dá no processo identi-

tário dos alunos negros, em que os elementos pautados na democracia racial, principalmente na questão da mestiçagem, ressoam intensamente no cotidiano dos alunos negros, a partir de uma (auto) declarada inferiorização social, ainda que omitida nos seus relatos. O ideário da brancura ressoa como importante elemento de baliza nesse contexto, na medida em que apresenta a perspectiva de embranquecimento da pele como forma de livrá-los da condição de degenerada de ser negro.

Nesse sentido, os termos e/ou expressões relacionados à mestiçagem contribuem para a sustentação na escola de um franco processo de vulnerabilidade identitária dos alunos negros, influenciando diretamente na formação de suas perspectivas. Assim, verificamos durante a pesquisa que essa identidade é suplantada por um padrão racial velado que tendencia a aquisição de características fenotípicas que remontem a uma suposta “branquidade”.

As perspectivas que os alunos negros amapaenses têm em relação ao mundo do trabalho nos fornecem indicativos importantes (como desafios para novos estudos) do desfavorecimento social da população negra, principalmente ao priorizar uma inserção precoce no mercado de trabalho em detrimento de uma qualificação superior. Desta maneira, com pouca qualificação/formação e com necessidade de aquisição de renda, esses alunos se inserem nas circunstâncias mais precarizadas do mercado de trabalho.

A grande questão que se coloca não remete unicamente à necessidade de qualificação do aluno negro para o ingresso na ordem competitiva do capitalismo, pois assim incorporaríamos a reprodução de um contexto marcado pela exploração, além da emergência de indivíduos negros a partir da lógica da acumulação capitalista. Mas o que se aponta dentro desta análise é a necessidade da formação de sujeitos negros sob uma perspectiva de emancipação humana e satisfação do conjunto de suas necessidades, apontando para um modelo de sociedade social e/ou racialmente incluyente e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA FOLHA. Negros fazem cursos de “baixo prestígio”. Salvador, 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educação/ult305u2238.shtml>. Acesso em 24 ago. 2009.
- BRASIL. Lei 1.196/08, de 14 de Março de 2008. Disponível em <<http://www.al.ap.gov.br/leiord11.htm>>. Acesso em 2009.
- _____. Lei 10.639/03, de 09 de Janeiro de 2003. Disponível em <<http://africae-africanidades.wordpress.com/2007/09/12/266/>>. Acesso em: 13 jun. 2009.
- _____. Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008. Disponível em <<http://africae-africanidades.wordpress.com/2007/09/12/266/>>. Acesso em: 13 jun. 2009.
- CASTRO, Nadya Araújo. Trabalho e Desigualdades Raciais: Hipóteses desafiantes e realidades por interpretar. In: CASTRO, Nadya Araújo e BARRETO, Vanda Sá. *Trabalho e Desigualdades Raciais: Negros e Brancos no mercado de trabalho em Salvador*. - São Paulo: Annablume, A cor da Bahia, 1998.

- CURY, Carlos R. Jamil. *Educação e Contradição*. 7. Ed. - São Paulo: Cortez, 2000.
- FOSTER, Eugênia da Luz Silva. *Racismo e Movimentos Instituintes na Escola*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2001.
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. *Relações Raciais no Contexto Nacional e Internacional*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- HASENBALG, Carlos. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 2 ed. 2005, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 1979.
- HENRIQUES, Ricardo. *Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das condições de vida na década de 90*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001. Disponível em desafios2.ipea.gov.br/pub/td/2001/td_0807.pdf. Acesso em 03 Out. 2008.
- LIMA, Maria Nazaré Mota de. Sobressaltos na flor da idade – expectativas sobre a inserção de jovens negros e negras no mercado de trabalho em Salvador. In: BRAGA, Maria Lucia de Santana; SOUZA, Edileuza Penha; PINTO, Ana Flavia Magalhães (orgs). *Dimensões da inclusão no Ensino Médio: Mercado de Trabalho, Religiosidade e Educação quilombola*. Brasília: MEC, Secad. Coleção Educação Para Todos, 2006.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D, A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. - São Paulo: EPU, 1986.
- MUNANGA, Kagengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- _____. O antirracismo no Brasil. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Estratégias e Políticas de Combate a Discriminação* – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Estação Ciência, 1996.
- SALLES, Vicente. *O negro no Pará*. Rio de Janeiro: UFPa e FGV (Coleção Amazônia), 1971.
- SILVA, Nelson do Valle. “Morenidade”: modo de usar. Estudos Afro-Asiáticos, n. 30, 1996, 79-95
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 4. ed. São Paulo: Polis, 1985.
- VERGOLINO, Anaíza; FIGUEIREDO, Arthur Napoleão. *A presença Africana na Amazônia Colonial*. – Belém, Arquivo Público do Pará, 1990.

Recebido em: 20/04/2011

Aceito em: 24/08/2011